

A MULHER INTEIRA CONSTITUI TABU: UM ENUNCIADO DO HORROR À DIFERENÇA¹

THE ENTIRE WOMAN CONSTITUTES A TABOO: A STATEMENT ABOUT THE HORROR OF DIFFERENCE

LA MUJER ENTERA CONSTITUYE UN TABÚ: UNA DECLARACIÓN DEL HORROR DE LA DIFERENCIA

Renata Brum Birck²

Resumo: A partir da interrogação “Quem tem medo do desejo feminino e por quê?” e da quase-afirmação de Freud de que “a mulher inteira constitui tabu”, este artigo propõe uma revisão teórica de conceitos freudianos acerca da mulher, abordando a problemática ter/não ter falo, inveja do pênis, complexo de Édipo, a mulher como tabu, até chegar ao ponto de abertura fundamental em *Análise terminável e interminável* de Freud. Neste texto, interessa a teorização acerca do enigma da feminilidade como conceito que transcende a lógica fálica e a identidade “mulher”. Proponho pensar, a partir desse ponto, para além da mulher, em todos os corpos sobre os quais se projetam tabus diante da aparição da diferença, que retorna como uma ameaça e se desdobra em violência. A partir disso, o objetivo do artigo é provocar reflexões para uma psicanálise comprometida com seu tempo, situada na ética da singularidade do desejo e implicada numa posição política que contemple e respeite as diferenças.

Palavras-chave: Psicanálise. Tabu. Feminilidade. Sexualidade. Diferença.

*Abstract: Starting from the question “Who is afraid of female desire and why?” and Freud’s quasi-statement that “the entire woman is taboo”, this article proposes a theoretical review of Freudian concepts about women, addressing the issues of having/not having a phallus, penis envy, the Oedipus complex, and women as taboo, until reaching the fundamental opening point based on *Analysis Terminable and Interminable* by Freud. In this text, we are interested in theorizing about the enigma of femininity as a concept that transcends phallic logic and female identity. From this point, I propose thinking beyond “woman,” toward all bodies onto which taboos are projected in response to the emergence of difference — a difference that returns as a threat and unfolds into violence. Based on this, the objective of the article is to provoke reflections toward a psychoanalysis committed to its time, situated in the ethics of the singularity of desire and implicated in a political stance that contemplates and respects differences.*

Keywords: *Psychoanalysis. Taboo. Femininity. Sexuality. Difference.*

¹ Fragmento retirado do texto *O tabu da virgindade*, originalmente publicado em 1918 (Freud, 2019). A frase completa diz: “Não apenas o primeiro coito com a mulher é tabu, mas também a relação sexual em geral; quase que poderíamos afirmar que a mulher inteira constitui tabu” (p. 162).

² Psicóloga (UFN/Santa Maria, RS). Membro Efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, Porto Alegre/RS. Pós Graduada em Parentalidade e Perinatalidade, pelo Instituto Gerar de Psicanálise/São Paulo. Diretora Executiva do Instituto Sig Psicanálise & Política. ORCID: 0009-0004-3703-1879. E-mail: renatabirck@hotmail.com

Resumen: Partiendo de la pregunta “¿Quién teme al deseo femenino y por qué?” y la casi afirmación freudiana de que “la mujer entera es tabú”, este artículo propone una revisión teórica de los conceptos freudianos sobre la mujer, abordando el problema de tener/no tener falo, la envidia del pene, el complejo de Edipo, la mujer como tabú, hasta llegar al punto de apertura basado en Análisis terminable e interminable de Freud. En este texto nos interesa teorizar sobre el enigma de la feminidad como concepto que trasciende la lógica fálica y la identidad femenina. Propongo pensar desde este punto más allá de las mujeres, en todos los cuerpos donde se proyectan tabúes ante la apariencia de la diferencia que regresa como amenaza y se despliega en violencia. A partir de esto, el objetivo del artículo es provocar reflexiones para un psicoanálisis comprometido con su tiempo, situado en la ética de la singularidad del deseo e implicada en una posición política que contempla y respeta las diferencias.

Palabras clave: Psicoanálisis. Tabú. Feminidad. Sexualidad. Diferencia.

Sou carne curtida
seca-contorcida
exposta-batida
sofrida
Sou ilha pelada
cercada
de gente
calada, gelada
Sou o que sou
brinquedo
joguete
qualquer coisa
ocupando espaço
finita
vazia
perdida
Sou sombra da noite
claro no dia
sou aquilo que não
foi ainda
para vir ser
aquilo
que passou depois
(Teresinha Soares)

Em 2017, estive a passeio no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e me deparei com a exposição intitulada “Quem tem medo de Teresinha Soares?”. A exposição situava que, somente naquele ano, mais de 40 anos depois do ápice da produção de Teresinha nos anos 1960 e 1970, a obra pôde ser reconsiderada e reinscrita na história recente da arte brasileira (Martins; Pedrosa, 2017). Diante disso, fiquei intrigada e me questionei quais seriam as razões para uma obra tão potente e rica manter-se fora do cenário artístico até então.

No livro lançado no mesmo ano, que também leva o nome da exposição, os diretores do MASP, Heitor Martins e Adriano Pedrosa, relembram que, apesar de haver uma grande produção artística de mulheres brasileiras no século XX, falou-se da inexistência de uma arte verdadeiramente feminista no Brasil. Segundo eles, só agora pode-se ver que trabalhos como o de Teresinha Soares haviam sido marginalizados das narrativas da história da arte; por isso, até então, sua obra manteve-se desconhecida (Martins; Pedrosa, 2017).

Teresinha Soares redesenhou e desenhou zonas erógenas. O caráter de seu trabalho está enraizado em uma celebração do feminino, da erótica, da busca pelo reconhecimento dos direitos da mulher, aliada a uma crítica à repressão ditatorial e ao lugar ocupado pela mulher em uma sociedade patriarcal (Moura, 2017). Penso residir nessa posição o caráter transgressor que culminou na repressão da obra.

Para Moura (2017), o título da exposição “Quem tem medo de Teresinha Soares?”, que faz alusão à peça de Edward Albee *Quem tem medo de Virginia Woolf?*, indaga sobre questões como: “Quem tem medo de que aquilo que sua obra expõe seja exposto?”, “A quem incomoda a arte de Teresinha Soares e por quê?” (Moura, 2017, p. 18). O autor logo sugere que seja porque a obra coloca em xeque o lugar da mulher que parte em busca de uma representação de um feminino potente e emancipado.

Se hoje seu trabalho passa a ser mais conhecido, uma exposição que acompanha sua trajetória de maneira cerrada e analisa a evolução de sua linguagem contribui não apenas para seu reconhecimento mas também para entender os mecanismos e as metodologias que informam uma prática feminista no contexto brasileiro daquele período. Expor o machismo, afirmar a identidade de gênero e tratar de um tema até então considerado tabu para as mulheres, como o sexo, é também expor as assimetrias de gênero que o *métier* artístico repete da sociedade à qual faz parte — no caso do Brasil, uma sociedade ainda marcada pelo patriarcalismo e na qual os avanços políticos nesse campo são lentos e acompanhados de uma reação conservadora. Sua obra coloca em xeque a representação da mulher, não mais vista como objeto de desejo para o homem, e a própria visualidade modernista, exercida a partir de uma visão formalista, falocêntrica e autoritária da história da arte (Moura, 2017, p. 18).

Iniciei, assim, na tentativa de ligar pressupostos teóricos à experiência oferecida pela obra de Teresinha Soares, um estudo teórico acerca do feminino. Cheguei ao livro *Deslocamentos do feminino*, escrito por Maria Rita Kehl (2016), e mais uma vez deparei-me com um fato intrigante, trabalhado por ela em sua escrita. O fato é que Gustave Flaubert, ao publicar, em 1857, o livro *Madame Bovary* (inicialmente a obra saiu em folhetins), inspirado na notícia policial de suicídio de uma mulher burguesa, fora processado, porém não condenado, pelo teor do tema contido no romance. A obra foi inicialmente atacada, assim como o autor, por tratar-se de um adultério feminino cometido pela encantadora Emma Bovary, a protagonista ficcional.

O romance não se trata apenas de um adultério feminino, o que não era pouco para a sociedade da época, mas, além disso, Gustave coloca Emma no lugar de dar voz a uma crise maior vivida pelas mulheres daquele tempo: um casamento cujo cerne era a produção de filhos e o cuidado com o lar como a única possibilidade de ser, não havendo lugar ao erótico, que é então vivido pela protagonista via adultério. Kehl (2016) aponta que os argumentos de acusação de que a obra era ofensiva à família, à moral e à religião, parecem dirigir-se a Emma, e não a Flaubert, o que pode afirmar-se pela leitura da acusação na VI Câmara do Tribunal Correccional de Paris, na qual a personagem é acusada de não ter tentado amar seriamente o marido. Além disso, o processo de acusação sugeriu que Flaubert impusesse algum limite a Emma Bovary.

Deparei-me com duas mulheres, uma real e uma ficcional, que não se contiveram dentro do que era estabelecido como lugar do feminino — mãe, recatada e do lar — e puseram-se em ato a questionar a validade das regras comuns, o que as levou ao lugar do repúdio, da negação e da acusação. Em ambos os recortes, figura um lugar de rechaço ao exercício do desejo da mulher quando este não coincide com o desejo exclusivo de ser esposa e mãe. Para além desse lugar de desvalor, parece haver uma ameaça ao que esse desejo a mais desvela. Assim, de forma a fazer referência ao título da exposição que visitei, pergunto: Quem tem

medo do desejo feminino e por quê? A obra de Teresinha ficou marginalizada porque este é o lugar do feminino?

Não com a finalidade de dar conta das perguntas, mas na intenção de seguir passeando, revisei construções de Freud sobre a mulher, abordando a problemática ter/não ter falo, inveja do pênis, complexo de Édipo, a mulher como tabu, até chegar a *Análise terminável e interminável* (Freud, 1996c), na teorização acerca do enigma da feminilidade como conceito que transcende a lógica fálica e a identidade mulher. A partir desse ponto, proponho pensar a mulher como depositária do enigma do impossível da completa realização do desejo, ou, melhor dizendo, como representação da castração.

FEMININO: PRIMEIRO, UM NÃO LUGAR

Gustave Flaubert causou inquietação ao publicar, em 1857, o livro *Madame Bovary*, na França. O romance é considerado indecente para moças de família, pois a “madame” que intitula o livro é a personagem Emma, uma esposa adúltera que vive aventuras com diferentes amantes. Para além da grandiosidade da obra, hoje considerada uma das mais importantes da literatura francesa, aqui interessa pensar o impacto social causado pelo livro.

Kehl (2016) diz que, mesmo quem nunca tenha lido o romance, conhece-o pela fama. Flaubert foi processado e julgado (depois absolvido) pela VI Corte Correccional do Tribunal de Sena por tratar do tema pecaminoso do adultério, com o agravante de ser cometido por uma mulher. O escritor foi absolvido pelos juízes, mas não pelos críticos puritanos, que sustentaram a acusação inicial de ter ferido a moral pública, a família e a religião. Emma representa a mulher da época aprisionada a uma ética do casamento que não cedia lugar aos mistérios do erotismo, experimentado pela personagem por meio do adultério. Mesmo um bom casamento não garantia a uma mulher muita coisa além de uma vida mais confortável como dona de casa, o que era insuficiente para dar conta das fantasias e da sensualidade da personagem.

Quase cem anos depois de *Madame Bovary*, a artista visual mineira Teresinha Soares trabalhou e expressou, através da arte, temas comuns ao livro, como sexualidade, gênero, feminilidade e erotismo. A repercussão de sua obra muito lembra a indignação causada por Gustave Flaubert por meio de Emma. Algumas chamadas para exposições e comentários sobre a artista denunciavam o desconforto gerado por sua ousadia: “A arte pra frente de Teresinha Soares” (Geraldo Magalhães, *Jornal Estado de Minas*, 1973), “A pintora Teresinha não tem medo do tabu sexual” (Denise Moraes, *O Dia*, 1968) e “Pintora que escandaliza ‘society’ vai expor em São Paulo” (*Diário de São Paulo*, 1968) (Moura, 2017).

Em 1857, *Madame Bovary* gerou escândalo. Em 1971, Teresinha Soares causou escândalo. Essas mulheres colocaram em cena, por meio da arte, temas do feminino, o que as levou, em diferentes épocas e contextos, a serem acusadas de ofender a moral pública e a “society”.

Kehl (2016) aponta que a arte e a literatura são tentativas de dar voz ao que está emergente, mas ainda não está incorporado ao discurso social. Não é à toa que, muito frequentemente, personagens femininas apareceram como protagonistas de romances realistas no século XIX. Penso que os recortes acima tenham algo a nos dizer acerca do discurso tradicional sobre a mulher como aquela que é colocada fazendo face ao feminino. Freud não inventou que a mulher é um tabu, mas foi capaz de fazer nomeações a partir de uma escuta singular do sofrimento humano.

Foi com mulheres como Emma Bovary que Freud se deparou em seu consultório. As passagens ao ato da personagem ficcional são substituídas por sintomas conversivos. Portanto, o romance de Flaubert serve como descrição ficcional da mulher freudiana que, alienada nas malhas de um discurso no qual seus anseios latentes não encontram lugar ou palavra, é incapaz de dominá-lo ou modificá-lo a seu favor, inscrevendo nele um significante que a

represente como sujeito. O escritor retratou a feminilidade burguesa, a mesma feminilidade que entrou em crise e produziu a histeria como modo dominante de sofrimento no século XIX (Kehl, 2016).

Freud, que nasceu no mesmo ano em que Gustave Flaubert começou a escrever *Madame Bovary*, debruça-se sobre a histeria e a entende como forma de expressão de uma sexualidade que não encontra voz por outra via. Dessa forma, Freud enfrenta-se com a sexualidade feminina não só atravessada, mas impedida por um sofrimento psíquico.

A histérica ocupa um lugar que é o de não lugar do seu desejo. Nesse sentido, quando Freud oferece um lugar não só de fala, mas também de escuta, possibilita um lugar ao desejo feminino. Assim, Kehl (2016) refere ter sido Freud um dos primeiros a perceber a crise ainda inominada que suas pacientes atravessavam. Mas, afinal, quem é, então, a mulher freudiana?

FREUD E A MULHER

Freud volta-se para a sexualidade infantil para investigar as causas da neurose; assim, amplia o conceito de sexualidade, incluindo o elemento psíquico, e se distancia do olhar médico sobre o corpo. Faz uma quebra com o determinismo biológico ao postular o caráter bissexual da sexualidade humana, de tal forma que, em um mesmo sujeito, a conduta de “atividade” atribuída ao “masculino” pode coexistir com a “passividade” atribuída ao “feminino”.

Em um primeiro momento, a partir de *A interpretação dos sonhos I*, publicado originalmente em 1900 (Freud, 1996d), em uma primeira versão do complexo de Édipo, Freud pensa o desenvolvimento da sexualidade na menina como análogo ao do menino. Porém, é na sexualidade masculina que apoia seus exemplos e tece sua narrativa. Segundo Birman (2016), nesse momento do pensamento freudiano, o paradigma do complexo de Édipo se dava a partir da polarização erótica do menino entre as figuras dos pais; era uma descrição simples e esquemática.

Freud (1996d, p. 287) diz que “apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época”. Nesse sentido, as crianças (descritas de modo generalista) dirigiriam impulsos hostis ao progenitor do mesmo sexo e impulsos amorosos ao progenitor do sexo oposto.

Depois dessa primeira constatação sobre a universalidade do complexo de Édipo, Freud, em *A dissolução do complexo de Édipo* (Freud, 1996a) e *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (Freud, 1996b), introduz uma diferenciação entre o complexo de Édipo na menina e no menino. O conceito do complexo de castração é que quebra essa equivalência inicial.

Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud (1996b) afirma haver consequências psíquicas distintas devido à diferença anatômica sexual. Apesar de a mãe seguir sendo o objeto original de amor em ambos os sexos, o menino abandona sua pretensão a ela devido à ameaça de castração, ou seja, pelo medo de perder o pênis, que lhe tem máximo valor. Já a menina se comporta de outra maneira: sabe que não o tem e quer tê-lo — desejo que pode impor dificuldades no desenvolvimento de sua feminilidade. Dessa forma, ao contrário do menino, a menina entra no Édipo pela constatação da castração.

Freud postula consequências para a menina devido à inveja do pênis; diz que “uma mulher, após ter-se dado conta da ferida ao seu narcisismo, desenvolve como cicatriz um sentimento de inferioridade” (Freud, 2010a, p. 282). Aqui, ele também afirma que, para as mulheres, o que é eticamente normal é diferente do que para os homens, supondo, assim, um superego menos rígido na mulher.

Posteriormente, dá-se maior importância à ligação da menina com a mãe e à marca impressa nela, oriunda dessa perda. Nas conferências *A feminilidade*, de 1933, e *Sobre a*

sexualidade feminina, de 1931, é que Freud (2010a; 2010b) se debruça com mais rigor sobre o complexo de Édipo e a história pré-edípica da menina. Birman (2016) pontua que, nesse contexto, o discurso freudiano se atém às relações da menina com a mãe primordial (pré-edípica) para precisar melhor o que denominou de “contingente negro da mulher”.

Aqui, Freud enuncia com mais rigor o trabalho psíquico necessário à menina, referindo que ela precisa passar por duas complicadas tarefas rumo à feminilidade. A primeira consiste em uma troca de órgão, do clitóris (num primeiro momento análogo ao pênis) para a vagina. Já a segunda consiste em uma troca de objeto — mãe para pai —, sendo que, somente quando o pai for tomado como objeto de amor, será possível alcançar a feminilidade. Assim, a menina precisa fazer uma troca de zona erógena e de objeto, ambos conservados no menino:

Naturalmente sabíamos que tinha havido um estágio de ligação com a mãe, mas não que podia ser tão rico em conteúdo, durar tanto tempo e deixar tantos ensejos para fixações e predisposições. Quase tudo que achamos na relação com o pai já estava presente naquela, e depois foi transferido para o pai. Em suma, adquirimos a convicção de que não podemos compreender a mulher se não considerarmos esta fase de ligação pré-edípica com a mãe (Freud, 2010a, p. 273).

O afastamento em relação à mãe não envolve simplesmente uma troca de objeto, mas tem como efeito uma forte hostilidade. A menina responsabiliza a mãe por sua falta de pênis e não lhe perdoa essa desvantagem, o que pode culminar em ódio pela vida inteira. Portanto, o ponto de virada — que é, para a menina, a descoberta da castração (dela e da mãe) — a leva a três diferentes direções: à inibição sexual ou à neurose; à mudança de caráter, no sentido de um complexo de masculinidade; ou, então, à feminilidade normal (Freud, 2010a). Mas o que é a feminilidade normal para Freud?

Freud assevera que, ao abandonar a mãe na descoberta de que esta não é fálica, e ao abandonar a masturbação clitoridiana, a garota também abandona alguma atividade, e o que predomina é a passividade. Dessa forma, a virada para o pai é realizada principalmente com a ajuda de impulsos passivos (Freud, 2010a).

Freud (2010a) trata essa onda que remove a atividade fálica como aquilo que dá lugar à feminilidade. O desejo que move a menina em direção ao pai é o mesmo desejo pelo pênis que a mãe não lhe deu e que, então, espera receber dele. A situação feminina, porém, se estabelecerá realmente quando o desejo pelo pênis for substituído pelo desejo de ter um bebê. Em síntese, a feminilidade que levará uma menina a tornar-se mulher será consumada quando esta tornar-se mãe, preferencialmente de um menino, que trará consigo o pênis ansiado. Seguindo essa ideia, há, na vida psíquica da mulher, a preponderância da inveja do pênis, que traz consigo algumas consequências, como uma capacidade menor de sublimação e um interesse social menor que o dos homens.

A MULHER INTEIRA É TABU: UM ENUNCIADO DO HORROR À DIFERENÇA

No texto *O tabu da virgindade*, Freud (1919) investiga a conduta de povos primitivos acerca da virgindade das moças e constata a existência de um ritual de rompimento do hímen antes da primeira relação conjugal — ele cita o autor que identificou tribos e descreveu práticas de defloração (p. ex., Austrália).

Esse texto nos interessa por ser uma pesquisa antropológica que aponta para a ocorrência desses fenômenos nas relações humanas desde os povos primitivos, além de Freud apontar o tempo todo para questões ainda difundidas e presentes nos povos chamados civilizados. Infelizmente, o que podemos concluir é que não somos tão civilizados como esperaríamos.

Quanto à mencionada conduta de povos primitivos, ela não será descrita corretamente se afirmarmos que eles não atribuem valor nenhum à virgindade e se oferecemos como prova disso o fato de que eles realizam a defloração das moças fora do casamento [...]. Parece, ao contrário, que para eles a defloração também é um ato significativo, mas ela se tornou o objeto de um tabu, de uma proibição que chamaríamos de religiosa. Em vez de ser reservada para o noivo e futuro marido da moça, o costume exige que este se esquive dessa operação (Freud, 2019, p. 157).

Na tentativa de esclarecer o tabu da virgindade, ele levanta três hipóteses e diz que as duas primeiras não têm relação com o sexual. A primeira delas é a de que, na primeira defloração, a moça sangra e isso colocaria o homem primitivo diante do horror ao sangue, pela articulação a preceitos espirituais e à proibição de matar. Porém, logo nos lembra da prática de circuncisão nos meninos, que também implica derramamento de sangue. Então, supõe que esse horror pudesse ser superado em benefício do marido na primeira relação sexual (Freud, 2019).

A segunda explicação é que:

[...] o primitivo está à mercê de uma disposição para a angústia que o espreita constantemente, bem semelhante à que supomos na teoria psicanalítica das neuroses sobre os neuróticos de angústia. Essa disposição para a angústia mostra-se mais intensa em todas as situações que desviem do habitual, que tragam consigo algo novo, inesperado, incompreensível, inquietante. Daí também o cerimonial, que se estendeu pelas religiões posteriores, que está vinculado ao início de qualquer novo empreendimento, ao começo de qualquer nova fase [...]. Os perigos pelos quais o angustiado se acredita ameaçado nunca parecem tão grandes na expectativa como no início da situação perigosa, e então é também conveniente primeiro proteger-se contra eles. A primeira relação sexual no casamento, por causa de sua importância, tem certamente a prerrogativa de ser introduzida através dessas medidas de precaução. As duas tentativas de explicação, a do horror ao sangue e a da angústia diante do inaugurar, não se contradizem, mas se reforçam. A primeira relação sexual é certamente um ato preocupante, e muito mais, se nele acontecer de verter sangue (Freud, 2019, p. 161).

A terceira explicação é a de que o tabu da virgindade abrange toda a vida sexual:

Não apenas o primeiro coito com a mulher é tabu, mas também a relação sexual em geral; quase poderíamos afirmar que a mulher inteira constitui tabu. A mulher não é apenas tabu nas situações especiais decorrentes de sua vida sexual, como a menstruação, a gravidez, o parto e o puerpério, mas também fora delas (Freud, 2019, p. 162).

Ao investigar o termo “tabu” (de origem polinésia), no texto *Tabu e ambivalência emocional*, Freud (1996e) apresenta dois sentidos opostos. Por um lado, “sagrado”, “consagrado” e, por outro, “misterioso”, “perigoso”, “proibido”, “impuro”. Curiosamente, porém, pelo contrário, outro significado seria “comum”.

No caso do ritual de defloração, o tabu é colocado no lugar de um perigo temido: há “um horror fundamental à mulher” (Freud, 2019, p. 163). Freud supõe que o horror se justifique pela diferença da mulher em relação ao homem, por ela contemplar um caráter misterioso, eternamente incompreensível e estranho, parecendo, assim, hostil. O homem teme tornar-se enfraquecido e incapaz ao ser contaminado por sua feminilidade. Esse perigo é psíquico e origina-se de uma projeção no mundo externo, em objetos desagradáveis ou estranhos, de hostilidades internas (Freud, 2019).

SOU AQUILO QUE NÃO FOI AINDA

Freud, em certo sentido, corrobora o reforço de uma categoria fechada, dita “a mulher”, inclusive quando formula a questão “O que quer uma mulher?”, e deixa aquilo que chama de “homens” fora de um lugar de enigma. Assim, ao esquivar-se do perigo que comporta uma “mulher”, “o homem” pode acessar a condição de imbrochável, incomível, imorrível. A partir disso, podemos pensar na mulher como depositária dos males do mundo, desencadeadora do pecado original.

Em muitos momentos, Freud parece tocar no cerne da questão: o horror é a alteridade. Curiosamente, é no texto *O tabu da virgindade* a primeira ocorrência da noção de narcisismo das pequenas diferenças — “as pequenas diferenças, em meio à semelhança em todo o resto, fundamentam os sentimentos de estranheza e hostilidade” (Freud, 2019, p. 164). Porém, escorega para fora daquilo em que não consegue entrar quando, no mesmo parágrafo, fala da intolerância à diferença, dizendo que o menosprezo da mulher sobre o homem se remete ao complexo de castração, que tem influência sobre o julgamento dela.

Freud esteve em um processo de negação ao ter sido incapaz de encarar as evidências próprias de sua clínica de que nenhuma mulher seria capaz de ser A mulher. Por isso, seus textos finais vão de um lugar de decepção com a psicanálise, que parece impossibilitada de curar as mulheres não ajustadas aos ideais de feminilidade, ao lugar de perplexidade por não saber responder “o que quer uma mulher?”, negligenciando, assim, o narcisismo das pequenas diferenças e deixando a mulher em um beco sem saída em relação à sua sexualidade (Kehl, 2016).

Se a experiência psicanalítica se inicia com uma indagação sobre a sexualidade feminina, com as históricas que levam a toda essa construção teórica, é a feminilidade como enigma o ponto de chegada de Freud (Birman, 1999). Em *Análise terminável e interminável* (Freud, 1996c), a posição feminina deixa de estar unicamente ligada a um dos destinos possíveis (o melhor) para a sexualidade da mulher e passa a ser não só um lugar a se chegar ao fim da análise de qualquer sujeito, mas é, justamente, o que sustenta a análise e a transferência. Aqui, o feminino é possibilidade/abertura e está além do registro fálico. Kehl (2016) diz que as indagações propostas por Freud em *Análise terminável e interminável* (1996c) são uma espécie de rendição do autor, que explica o repúdio à feminilidade generalizado entre homens e mulheres.

As contribuições de Paul B. Preciado (2022), no livro *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*, servem de testemunho e nos autorizam a fazer um deslizamento de “a mulher inteira constitui tabu” para “a feminilidade inteira constitui tabu”. Preciado (2022), que é um homem trans, foi convidado, em 2019, a falar em uma jornada internacional da Escola da Causa Freudiana, em Paris, sobre o tema “Mulheres na psicanálise”. Sofreu deboche ao perguntar se estava presente algum psicanalista homossexual, trans ou de gênero não binário, e foi hostilizado quando pediu a responsabilização das instituições psicanalíticas diante das modificações da epistemologia sexual e de gênero. Como resultado do grande incômodo causado, não conseguiu ler grande parte do discurso e, por essa razão, publicou em forma de livro o texto original.

As senhoras e os senhores organizaram um encontro para falar das “mulheres na psicanálise” em 2019 como se estivéssemos ainda em 1917, como se esse tipo particular de animal que chamam de “mulheres”, de forma condescendente e naturalizada, ainda não tivesse adquirido pleno reconhecimento como sujeito político, como se as mulheres fossem apêndices ou notas de rodapé, criaturas estranhas e exóticas sobre as quais é imperativo refletir de tempos em tempos, em colóquios ou mesas-redondas. Seria preciso antes organizar um encontro sobre “homens brancos heterossexuais e burgueses na psicanálise”, porque a maior parte dos textos e práticas psicanalíticas giram em torno do poder

discursivo e político desse tipo de animal: um animal necropolítico que vocês tendem a confundir com o “humano universal”, e que permanece, até o presente, o sujeito da enunciação central nos discursos e nas instituições psicanalíticas da modernidade colonial (Preciado, 2022, p. 14).

Entendo que o horror à feminilidade (enquanto posição) sustente o que Freud vinha trabalhando acerca da lógica fálica. Se, como destaca Birman (1999), as figuras do homem e da mulher foram construídas de acordo com tal lógica, é a presença imaginária do falo no corpo do homem que sustenta sua superioridade ontológica, enquanto quem não o tem, a mulher, acredita na superioridade de seu ser. Dessa forma, quem tem o falo se gaba disso; quem não tem, fica com a inveja. É assim que se inscreve a concepção freudiana da fantasia feminina da inveja do pênis.

Entretanto, o registro da feminilidade proposto por Freud fora uma tentativa de ultrapassar essa lógica fálica. Enquanto pelo falo o sujeito busca a totalização, a universalidade e o domínio das coisas e dos outros, pela feminilidade o que está em pauta é uma postura voltada para o particular, o relativo e o não controle sobre as coisas. Por isso, a feminilidade implica a singularidade do sujeito e as suas escolhas específicas, bem distantes da homogeneidade abrangente da postura fálica. A feminilidade é um correlato de uma postura heterogênea que marca a diferença de um sujeito em relação a qualquer outro. Foi nesse sentido específico que Freud nos disse que a feminilidade seria a fonte de uma experiência psíquica marcada pelo horror (Birman, 1999, p. 12).

Se a feminilidade se coloca como transcendência à lógica fálica, justifica-se o horror à feminilidade. A resistência a ela se dá pelo esforço para negar a castração. Birman (1999) aponta que haver-se com a castração (o conceito de feminilidade é outra maneira de referir-se a isso) é haver-se com o desamparo humano. Assim, a construção fálica é o trabalho que a subjetividade realiza para camuflar sua fragilidade. A fundação do erotismo e do desejo humano se sustenta no desamparo do sujeito e na feminilidade, ou seja, somos todos desamparados por vocação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: “SOMBRA DA NOITE”

Esses tempos, já ocupada da escrita deste artigo, eu chegava em casa de carro em torno de 22h30. Moro em uma casa de rua, não em um condomínio, e, desde que me mudei para a “cidade grande”, aprendi que ter medo de estranhos é protetivo. Ao me aproximar da entrada da garagem, vi um homem desconhecido andando na frente de casa, então dei a volta na quadra e pedi para que meu marido sáísse e me desse um ok antes de eu entrar na garagem.

Deu tudo certo. Entrei em casa e meu filho, que tem cinco anos, me perguntou o que havia acontecido. Contei a ele o mesmo que estou relatando aqui: “Havia um homem desconhecido na frente da nossa casa e, por precaução, eu dei uma volta na quadra e avisei seu pai”. Ele questionou: “Mas como ele era?” Eu insisti: “Era um homem desconhecido”. Ele complexificou a pergunta: “Mas como era o corpo dele?” Muitas outras perguntas decorrem desta: Que corpo tem o estranho? Que cor é o corpo do perigo? É um corpo que sangra? Tem vagina? Tem pênis?

No livro *Problemas de gênero*, Judith Butler (2019) trabalha o conceito de abjeção de Julia Kristeva, a fim de pensar “seres abjetos” como aqueles que rompem com ideias hegemônicas de sexo, raça ou sexualidade devido a algum marcador corporal ou práticas corporais. A partir desse ponto de vista hegemônico, tudo o que apresenta heterogeneidade contém um perigo ou poluição, como se esses outros seres estivessem ocupando um lugar antinatural ou sórdido.

A psicanálise nos implica na produção de linguagem, e essa é uma implicação de muita responsabilidade. Como sabemos, a produção discursiva tem incidência sobre o sofrimento produzido em cada época, e o discurso produz e autoriza atos. Hoje, a psicanálise brasileira se vê diante da urgência de ocupar-se das problemáticas próprias do nosso país, que se desdobram na história e recaem sobre o nosso tempo, ou seja, é preciso buscar saídas do lugar de uma esquivia que é compartilhada.

Cabe-nos pensar como são produzidos e sustentados, aqui, os lugares que funcionam como depositários do horror. Lugares como o racismo, que cria a raça e coloca o sujeito negro no lugar de outro diferente. A assepsia médica e política que tenta limpar e purificar aquilo que há de disruptivo na verdade do sexo e do corpo. Diz Freud: “O repúdio à feminilidade pode ser nada mais do que [...] uma parte do grande enigma do sexo” (Freud, 1996c, p. 270). Quem são os monstros que precisam de extermínio, isolamento, evitando, assim, o perigo da contaminação que leva à morte, à impotência e à destruição da família, que é projeto de Deus para a eternidade?

No Brasil, os índices que confirmam a violência são alarmantes. Segundo dados de 2022 do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, somos o país que mais mata a população LGBTQIA+ no mundo (Brasil, 2023). Em 2021, a proporção de pessoas negras assassinadas no Brasil atingiu sua maior marca em 11 anos (Lacerda, 2023). Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que apresentou dados em março de 2024, registraram-se 1.463 casos de mulheres vítimas de feminicídio em 2023 — ou seja, cerca de um caso a cada seis horas. Esse é o maior número registrado desde que a lei contra o feminicídio foi criada, em 2015 (Nicoceli, 2024).

Como país, sustentamos cotidianamente um rechaço em forma de extermínio a todos aqueles que não respondem à heterogeneidade de uma cultura masculinista, misógina, racista, representada pelo homem branco, hétero e cisgênero. Como humanidade, assistimos ao avanço do fascismo em vários países do mundo. Todo corpo que não responde a partir de uma suposta homogeneidade que configura pureza é identificado como misterioso, tabu e perigoso, o que leva à urgência de rever a forma como lidamos com a diferença.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.

BIRMAN, Joel. *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC). Dossiê apresentado ao MDHC indica 273 mortes de LGBTQIA+ no Brasil, em 2022. *MDHC*, Brasília, 17 maio 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/dossie-apresentado-ao-mdhc-indica-273-mortes-de-lgbtia-no-brasil-em-2022>. Acesso em: 7 fev. 2025.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: FREUD, Sigmund. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 193-199. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX). Originalmente publicado em 1923-1925.

FREUD, Sigmund. A feminilidade (1933). In: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 263-293. (Obras Completas, v. 18). Originalmente publicado em 1933.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: FREUD, Sigmund. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 277-286. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX). Originalmente publicado em 1923-1925.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 231-270. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXIII). Originalmente publicado em 1937-1939.

FREUD, Sigmund. O tabu da virgindade (1918). In: FREUD, Sigmund. *Amor, sexualidade, feminilidade*. São Paulo: Autêntica, 2019. p. 155-176. (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Originalmente publicado em 1918.

FREUD, Sigmund. Sobre a sexualidade feminina (1931). In: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 371-398. (Obras Completas, v. 18). Originalmente publicado em 1931.

FREUD, Sigmund. Sonhos sobre a morte de pessoas queridas. In: FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos I* (1900). Rio de Janeiro: Imago, 1996d. p. 276-197. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IV). Originalmente publicado em 1900.

FREUD, Sigmund. Tabu e ambivalência emocional. In: FREUD, Sigmund. *Totem e tabu e outros trabalhos* (1913-1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996e. p. 37-86. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIII). Originalmente publicado em 1913-1914.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LACERDA, Lucas. Proporção de negros assassinados no Brasil é a maior em 11 anos. *Folha de São Paulo*, 5 dez. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/12/8-de-cada-10-pessoas-assassinadas-no-brasil-sao-negras.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2025.

MARTINS, Heitor; PEDROSA, Adriano. Teresinha Soares no MASP. In: PEDROSA, Adriane; MOURA, Rodrigo (Orgs.). *Quem tem medo de Teresinha Soares?* São Paulo: MASP, 2017. p. 13-16.

MOURA, Rodrigo. Quem tem medo de Teresinha Soares? In: PEDROSA, Adriano; MOURA, Rodrigo (Orgs.). *Quem tem medo de Teresinha Soares?* São Paulo: MASP, 2017. p. 17-35.

NICOCELI, Artur. Brasil registra 1.463 feminicídios em 2023, alta de 1,6% em relação a 2022. *G1*, 7 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/03/07/brasil-feminicidios-em-2023.ghtml>. Acesso em: 7 fev. 2025.

PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Artigo recebido: 12 de fevereiro de 2025

Artigo aceito: 10 de março de 2025